

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:	
Architectura monumental. Templos da Grecia — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	Pag. 65
Segundo periodo da architectura da idade média — Architectura roman — pelo sr. J. P. N. DA SILVA...	» 70
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:	
Resumo elementar de archeologia christã — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 75
Explicação da estampa — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 78
Chronica	» 80
Noticiario.....	» 80

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Templos da Grecia

Em todas as épocas, têm captivado a attenção dos investigadores instruidos os monumentos mais celebres da Grecia; pois que pela belleza da architectura, posto que em ruínas, causam assignalada admiração, sobre todos aquelles que possui a afamada Athenas! Basta só citar o nome d'essa formosa cidade á qual Athênê, a deusa das artes, deu o seu nome. Onde haverá um só amator, ou discipulo das musas, que não sinta despertar em si todos os sentimentos de gloria, todas as imagens de belleza, a quem similhante recordação não faça avivar na alma a sympathia arrebatadora, que por tantos titulos esse povo de heroes, esses eximios artistas nos merecem pelos seus feitos, pelos primores d'arte que chegaram á admiração da posteridade!?

Se a architectura é de todas as artes a que talvez faz maior honra ao genio do homem, que prazer não se experimenta, considerando-o creador d'esta sublime arte, estando nós rodeados d'essas obras primas devidas á sua intelligencia, gozando, pelo agradável aspecto d'esses trabalhos artisticos, o nobre contentamento que o seu talento nos faz experimentar, e de que a propria natureza não lhe pôde disputar a posse! Que prazer não será o de habitar (ainda que seja só pelo pensamento)

essa celebre cidade que todas as artes haviam con corrido para aformosear afim de que fôsse digna d'ellas? E que proficua lição não colherá o artista, meditando na perfeição da architectura, que a famosa Athenas lhe apresenta na sua memorável arte monumental?

Athenas

O templo de Minerva, chamado Parthenon, ou o templo da Virgem, está situado quasi ao meio do rochedo da cidadella, que domina pela sua altura toda a planicie de Athenas. A sua situação é de Oriente ao Occidente. Tem de comprimento 72,^m82°, de largura 31,^m02°, sem comprehender os degraus. As columnas teem 1,^m87° de diametro, e de altura 10,^m56°; havendo em roda do templo 46 columnas.

As esculpturas das métopas representam o combate dos Athenienses contra os centauros. A esculptura do frontão representava o nascimento de Minerva.

Em 1687 o doge veneziano Morosini tendo posto cerco a Athenas, uma bomba caiu no templo, que servia de paiol aos turcos, fez explosão e arruinou esse magnifico edificio, o mais bem conservado monumento que se possuia dos gregos.

A deusa Minerva era de tal forma venerada pelos Athenienses, que elles tinham levantado dous templos, um dentro da Acropolis, e outro menos

importante, que foi consagrado a Minerva Poliada, ou ¹a protectora da cidade. Era proximo d'este que havia a habitação das canephoras, essas virgens que serviam ao culto da deusa, ¹ as quaes foram muito celebres na antiguidade. Junto a este templo havia outro levantado a Pandrosia, filha de Cérops, que em recompensa da sua discrição, Minerva tinha feito primeira sacerdotiza do seu culto, e associada ás honras que recebesse.

O templo de Minerva Poliada era composto de tres corpos; o que estava no meio, sendo mais elevado, pertencia á deusa. A parte hoje arruinada, á esquerda, é o templo de Pandrosia ornado com a Ordem Jonica. Ao sul vê-se o maravilhoso portico com caryatides, dedicado ás virgens canephoras e servindo tambem de tumulo do rei Cérops.

Os Athenienses ufanavam-se da famosa construção dos Propyleos, ² edificados pelo celebre architecto Mnésieles. Este edificio tinha 5 portas, e era coberto de marmore branco. Pela grandeza das pedras e pelos seus aprimorados ornamentos passava por ser a melhor cousa que se podesse ver e admirar, conforme relata Pausanias.

As fachadas estavam ornadas com 6 columnas em cada frente. Entrava-se n'uma especie de sala dividida por dous renques de columnas Jonicas, monolithos de marmore que sustentavam o tecto. Dous grandes pedestaes, quasi tão altos como as columnas Doricas, ornavam a fachada principal e sustentavam estatuas equestres que se suppõe representassem os filhos de Xenophonte, d'esse grande general que como philosopho foi digno discipulo de Sócrates, e como historiador escrevia com um estylo muito elegante e ameno, que o fez apellidar *a abelha attica*; morreu na era 354 A. de J. C.

Ornam este recinto os pedestaes das estatuas de Venus, de Apollo, de Minerva Hygia, do cavallo Duriano, os vestigios do sanctuario de Diana, o recinto de Minerva Erganea, o templo de Augusto e de Roma.

Acropolis, palavra grega que significa — *Cidade Alta* — era a denominação que se applicava a um lugar em situação elevada, e tambem a uma eminencia que encerrasse um recinto fortificado pela natureza, assim como pela arte; devendo conter o templo principal da divindade e os outros edificios publicos e sagrados que convinham ás necessidades da civilização d'aquellas éras. A descrição circumstanciada da Acropolis d'Athenas, que é a mais principal e celebre da Grecia, reservo-me para a fazer depois das outras que existem n'esse paiz. Vamos agora dar uma idéa geral das que existiam nas cidades tambem de renome na

antiguidade, como servindo de historia da arte monumental no solo pertencente á nacionalidade grega.

O maior numero das cidades hellenicis, principalmente aquellas, cuja fundação remonta á mais antiga época, foram primitivamente edificadas sobre um terreno reunindo todas as condições, que se deveriam procurar para o logar de uma cidade alta, ou d'uma Acropolis. Sobre esse solo levantava-se o Templo da Divindade protectora, e quando o augmento do numero dos habitantes os obrigava a estender-se além d'este recinto, que já era acanhado, ficava para a Acropolis, considerando-se esse logar o mais sagrado, porque recordava as mais remotas lembranças da sua fundação, as tradições mais venerandas, a origem da sua patria, servia de refugio aos habitantes quando fossem atacados, e finalmente porque era, ao mesmo tempo, um santuario augusto e uma cidadella inexpugnável. A Acropolis de Athenas é a representação mais completa das idéas que os antigos ligavam a uma Acropolis.

Muitas cidades antigas deixaram como unica prova de sua existencia os vestigios d'essas construcções; sendo uma consequencia da situação occupada n'esses logares, que, achando-se menos accessiveis e menos proximos do theatro onde a destruição se operava pela mão dos conquistadores, ou pela dos proprios habitantes, sem nenhuma duvida teriam soffrido menos o effeito das devastações.

A maior parte das Acropolis antigas apresentavam tão limitado espaço, que ha grande difficuldade de as representar, pelo pensamento, pois além de serem a residencia dos habitantes, continham os edificios sagrados e publicos.

As cerimoniaes religiosas e politicas d'essa população por mui pouco numerosa que ella fosse, e por mais modestos que fôsem os seus usos, exigiam espaço grande. Juntamente com os logares santificados devia-se reunir a habitação real. Devia tambem haver o asylo para proteger os habitantes contra os perigos de uma invasão, assim como depositos para a subsistencia do povo; o que se julga reconhecer nas galerias ainda existentes entre as ruinas de algumas d'estas Acropolis; principalmente na de Tiryntho e na de Argos, suppondo-se ser esse o logar destinado para essas diversas applicações. Tambem a Acropolis devia possuir as sepulturas dos homens illustres, os tumulos dos fundadores da cidade, ou dos heroes, taes como os tumulos de pedra que existem ainda na Acropolis de Troia.

A mais antiga cidade da Grecia, que tinha mesmo a pretensão de ser a mais remota de todas as cidades do mundo, era a de Lycosura, na Arcadia, centro das tribus do Peloponeso. A sua

¹ O museu do Carmo possui duas estatuas que as representam.

² Palavra composta do grego que significa — *Antes da porta* — *Antes da entrada*.

Acropolis estende-se na aba de um precipício; sendo de fôrma oblonga, com as extremidades viradas do norte para o sul. A parte de Oeste é inacessível, e do lado que fica voltada para Megalópolis, essa grande cidade que foi edificada por Epaminondas para servir de capital á Arcadia, na éra de 370 A. de J. C, consiste em um duplo terraço revestido de construcções cyclopeas: entre as suas ruínas encontram-se fragmentos de columnas, architravas de marmore de côres, e muitos capiteis dóricos.

A Acropolis de Argos, a mais notavel da Grecia, era nomeada Acropolis Aspis (escudo), por causa dos jogos que n'ella se celebravam, e em que davam por premio um broquel: continha um estadio, logar para as corridas, e cinco templos. Presentemente não existem mais que os alicerces no apparelho cyclopeu, indicando esse monumento a civilisação primitiva dos Gregos.

Na Argolida, região da Grecia, de remota antiguidade de 1986 annos, foi que o Phenicio Ancios veio fundar o reino de Argos.

Apresenta duas Acropolis, pertencentes ao mesmo systema de construcção, e indicando igual civilisação: são as de Tiryntho e Mycenae. A primeira foi chamada por Homero, *Soberba pelas suas muralhas*. Ainda hoje estão quasi no mesmo estado em que estavam no tempo de Pausanias.

O recinto que circumdava esta linha de muros, occupava o alto de uma eminencia de 16 metros acima do nivel da planicie. As muralhas que seguem a tortuosidade do rochedo têm 12 metros de alto, estando interrompidas em tres sitios que serviam de portas. No angulo E. d'esta muralha gigante pelas extraordinarias dimensões das pedras com que foi construida, ha uma galeria na extensão de 30 metros, e tem 6 aberturas para o lado da cidade. É sem duvida alguma a mais grandiosa e magnifica obra cyclopea que existe no mundo.

A Acropolis de Mycenae occupava uma eminencia de forma de cogumello, que deu o nome á cidade. Os muros que fecham o seu recinto, e que Euripides attribuia aos cyclopes, subsiste ainda em muitos sitios até uma altura consideravel. Uma das suas portas, do lado N. é formada por duas grandes pedras postas ao alto, e de uma outra horisontal formando verga, sobre a qual collocaram uma muito maior, de fôrma triangular.

A porta principal d'esta Acropolis apresenta tambem, por cima da sua architrava, uma grande pedra, sobre a qual estão esculpidos, com bastante alto-relêvo, dous leões postos de pé, olhando um para o outro, tendo entre si um marco, do feitiço de columna. Foi esta famosa porta dos Leões, que attrahiu em subido grau a attenção de Pausa-

nias, no segundo seculo da nossa éra, por ser este o mais antigo monumento de esculptura que existe no solo da Grecia.

Ainda ha vestigios de mais 6 Acropolis das cidades do Peloponeso, distinguindo-se pela sua forma de uma ilha, como a comparava Dionysio de Halicarnasso, a Orchomenia da Arcadia, a qual era fortificada com torres quadradas, sendo para notar a mais importante ruína, o celebre thesouro de Minyas, filho de um dos primeiros reis da Arcadia.

Na proximidade da Acropolis de Lebadéa pertencente á cidade da Phocida, existiam antigamente a gruta e o oraculo de Trophonius, um dos mais antigos e venerados santuarios da Grecia. Merece dar-se sobre elle uma explicação, por ser curiosa a sua origem. Trophonius e seu irmão Agamedo eram reputados como habéis architectos; a elles se attribue a construcção do celebre templo de Delphos. O rei de Orchomenia, Hyrias, encarregou-os de construirem um edificio para guardar o seu ouro. Os dois irmãos arranjaram n'esse thesouro uma entrada occulta, servindo-se d'ella durante a noite para delapidarem o rico deposito do rei. Este principe, vindo a descobrir isso, armou uma cilada aos delapidadores. Agamedo foi apanhado; porém Trophonius temendo as revelações que seu irmão fizesse, degolou-o e fugiu levando a cabeça do assassinado, mas pouco tempo depois morreu em uma caverna nas circumvisinhanças de Lebadéa. Sabendo da sua morte, Apollo quiz ser reconhecido a ter este architecto edificado o seu citado templo; por este motivo lhe concedeu o dom de *vaticinar o futuro*. Tal foi a origem da celebre gruta tão respeitada pelos antigos gregos.

A Acropolis de Cheronea, reedificada depois da época das guerras dos Medas, apresenta torres quadradas e fragmentos de architectura jonica. Na ponta mais aguda d'esta Acropolis está a rocha chamada *Petrarchos*, onde a tradição diz, que Rhea enganou Saturno apresentando-lhe uma pedra em logar de Jupiter recém-nascido para elle a tragar, conforme havia promettido ao seu irmão Titão, allegoria esta do Tempo, que destroe tudo que elle mesmo cria.

Entre as Acropolis pertencentes á Asia Menor, citaremos a de Assas por causa das ruínas de um templo Dorico que corôa o cimo, e do qual os os baixos relevos são de um estylo anterior ao seculo de Phidias.

Na Italia Central, a mais importante Acropolis pela celebridade da cidade é a de Tusculum, que conserva ainda muitas bellas ruínas romanas.

Finalmente a Sicilia, que foi tambem, na época pelasgica e no tempo hellenico, a séde de numerosas colonias, possui muitas d'estas fortificações,

entre as quaes a Acropolis, de Cefalú, a qual conserva os fragmentos de um templo Dorico, e as ruínas de um palacio da época pelasgica, monumento de architectura civil, proprio para nos dar uma idéa da maneira do viver dos povos do tempo heroico.

Na Acropolis de Selinonte, em Girgento, se vêem ainda tres templos doricos da primeira idade da colonia grega; porém, todas estas cidades altas, não obstante as suas importantes construcções, são curiosas pelas suas ruínas, e famosas pelas suas recordações historicas; não se podem comparar, nem pela situação, nem pelo merecimento de seus magníficos monumentos, á famosa Acropolis d'Athenas.

Não ha sobre a terra outro lugar que fosse tão bem disposto pela natureza, para ser ornado com os grandiosos monumentos que o genio e o talento do homem ideou para coroar sitio tão magnifico, destinado á Acropolis da celebre capital da Grecia. De qualquer lado que se contemple esta cidadella, fica-se surprehendido pela belleza de suas formas magestosas, pelo grandioso do aspecto geral, e maravilhado de contemplar os monumentos que se acham ali reunidos; fazendo despertar as interessantes e poderosas recordações que lhes dizem respeito. Tudo isto produz uma impressão de indefinivel assombro, de incrível encanto e de profunda veneração.

A cidade primitiva de Athenas occupa um rochedo calcareo que se levanta 125 metros acima da planicie que lhe serve de base, tendo uma forma quasi elliptica. Este rochedo, de uma composição muito rija, e de uma côr afogueada, forma um plano quasi nivelado, tendo-se alcançado estabelecer n'elle diferentes terraços. Foi aqui onde se construíram, no principio d'esta povoação, as primeiras habitações, e mais tarde os edificios sagrados que as substituíram.

Este rochedo, que antigas tradições ligam á lembrança de Cécrops, apresenta uma outra vantagem, que lhe devia fazer obter esta preferencia sobre as collinas onde estão o Areopago, o Pnyx e o Museu que lhe ficam visinhos, isto é, por ser inteiramente inabordavel do lado do Norte, Este, e Sul, inclinando-se para offerecer uma comunicação unica, do lado Oeste. Por todos os outros pontos, os flancos da Acropolis são tão alcantilados e difficeis de escalar que seria impossivel transportal-os e mesmo agora que os entulhos accumulados pelos seculos teem alteado o solo, que rodeia a base, não se pode chegar ao cume da Acropolis, pela unica entrada que a natureza tinha preparado, e que os Athenienses resguardavam com a edificação dos Propyleos.

Este rochedo inexpugnavel foi desde o principio

fortificado com muralhas, principalmente do lado onde a natureza o tinha feito accessivel, e se divisam ainda no angulo Nordeste, vestigios das antigas muralhas que a tradição attribua aos Pelasgos. No angulo opposto distingue-se uma muralha mais recente, que foi levantada sob a administração de Cimon, filho de Milciades, distincto guerreiro que venceu os Persas no mesmo dia, tanto por terra como por mar (470 A. J. C.); sendo essa muralha conhecida pelo nome de *Cimoneanna*.

A maior extensão da muralha do norte conserva na sua construcção fragmentos de membros de architectura do primitivo templo de Minerva, queimado pelos Persas; capiteis inteiros, architravas, troços de columnas com 2 metros de diametro, o que tudo se distingue pelos caracteres da arte monumental da Arcadia. Esta parte das muralhas foi reconstruida á pressa por Themistocles, esse illustre Atheniense, que destruiu a armada da Persia em 480 A. J. C., pela celebre victoria de Salamina, e que dizia aos seus concidadãos: «que os louros alcançados por Milciades não o faziam dormir, para adquirir novos louros em gloria da sua patria.» Depois da retirada dos persas de Athenas, foram empregados esses fragmentos dos antigos edificios sagrados, como os destruidos pelo exercito de Xerxes, esse successor de Darius, que empreendeu a segunda guerra dos Medas, e no seu furor contra as vagas as fez açoutar, pelo contra tempo que soffreu atravessando o Hellesponto, canal dos Dardanellos.

Nota-se na mesma Acropolis uma elevada torre e algumas fortificações da idade media, monumento da dominação dos principes francezes, duques de Athenas e no xiii seculo, como se vê tambem uma bateria feita pelos Turcos. Portanto todas as idades, todos os povos nos grandes acontecimentos que experimentaram, deixaram a sua passagem assignalada n'este recinto. Poderiam as pedras que compõem esta Acropolis substituir os annaes da historia da capital da Grecia. As obras collosaes dos Pelasgos escondem nos entulhos, como da mesma fórma o seu nome se occulta nos reconditos da historia; os nomes de Themistocles e de Cimon lêem-se nos monumentos de seu generoso patriotismo; a invasão dos Persas, como o dominio dos Turcos, ficaram gravados nas ruínas dos Propyleos do seculo de Pericles; e o reducto acastellado da nobreza franceza arvorou a cruz encarnada das cruzadas sobre o solo sagrado das divindades da mythologia grega. Quantas lições uteis para os homens, quantas reflexões prudentes para as nações não despertarão no espirito essas famosas ruínas, essas muralhas grandiosas; quanto não deverão interessar ao philosopho, ao historiador e ao archeologo?!

O sem numero de recordações, que se acham ligadas á Acropolis de Athenas, estão consagradas pela tradição e sobretudo no sitio do plano onde o solo conserva a sua desigualdade primitiva. Tinha sido ali o logar, (dizia-se) da lucta entre Minerva e Neptuno; fôra ali que rebentára a nascente d'água produzida pela vontade de Neptuno; era tambem n'aquelle logar que tinha saído da terra a oliveira, produzida por Minerva, que deveria proteger aquella nascente cidade, fazendo produzir uma cousa que fôsse mais util aos homens. Egualmente foi ali, que edificaram o primeiro templo a Minerva Poliada, Protectora de Athenas; e cada vez que este templo ficou destruido, reedificava-se no mesmo sitio, sempre de maneira que conservasse o logar occupado pelo mar de Neptuno, como pela oliveira que Minerva fizera nascer.

Ao norte d'este rochedo ha duas cavernas naturaes que ficam situadas a pequena distancia uma da outra: são pouco profundas, e occupam alturas differentes: uma era consagrada ao culto de Aglaura, filha de Cérops, fundador de Athenas na era 1643, A. J. C.: como já havíamos dito; a outra era dedicada a Pan, deus que presidia aos rebanhos e aos partos. A plebe da Grecia acreditava que Pan fazia passeios nocturnos, o que causava terror em toda a parte: isto deu origem ao proverbio *terror panico*. As festas na Arcadia d'esta divindade chamavam-se *Lycéos*, pois o monte que tinha este nome em Athenas lhe era dedicado. A montanha tinha aquelle mesmo nome por significar o grande numero de lobos que ella creava. Esta rocha está ainda hoje toda cheia de pequenas cavidades destinadas n'aquellas eras a receber baixos relevos votivos. Por detraz da caverna de Aglaura uma grande fenda natural existia na rocha; tinham aproveitado para construir uma escada que conduzia acima da planicie da Acropolis, e era por esta via subterranea que as duas virgens canephoras transportavam de noite á cabeça os objectos sagrados dos sacrificios, collocados no açafate mystico. Durante o ultimo cerco de Athenas pelos turcos, em 1826, os gregos refugiados na Acropolis descobriram esta antiga escada, escondida desde tantos seculos debaixo das ruinas.

Esta Acropolis, tão fertil em recordações e em tradições, tinha-se coberto de templos, altares, estatuas e monumentos de toda a especie formando um vasto sanctuario, um monumento unico do culto e da arte dos athenienses. Não obstante os estragos do tempo e o vandalismo dos homens, não obstante as guerras e os desastres, os aformoseamentos que os seus antigos habitantes tinham ajuntado á belleza da situação, não desapareceram de todo. A Acropolis de Athenas conserva numerosos fragmen-

tos do seu esplendor primitivo, e o Parthenon, posto que mutilado, respira, n'isso que subsiste ainda, o bello seculo de Pericles, e a celebre intelligencia de Phidias.

Continuando, descreveremos a não menos curiosa Acropolis Corinthis, geralmente chamada Acrocorinthio. Este nome que significa a *Alta corinthis*, designava a eminencia alcantilada que dominava a cidade antiga; e para dar uma ideia da admiravel vista que do seu cimo offerece o mais magnifico panorama do mundo, citarei a bella imagem da qual se serviu Stace, esse Tasso latino, nascido em Napoles no anno 61 da era vulgar, que pinta Acrocorinthis com estas palavras: «Levantando a sua cabeça acima das nuvens e protegendo alternativamente dois mares com a sua sombra immensa».

Foi sobre o vertice d'esta montanha, destinada pela natureza a ser uma fortaleza inconquistavel, que se formou o primeiro estabelecimento dos corinthios. Strabon viu ainda as ruinas do famoso palacio de marmore branco de Sisypho, que instituirá os jogos isthmicos no xiv seculo A. J. C. em memoria de ter morrido afogado seu filho Melicetre; jogos que foram abolidos por Adriano, imperador de Roma, no anno 130 da nossa era. O templo de Venus occupava o cume da Acrocorinthio, era um dos mais celebres da Grecia, que existia ainda intacto do tempo de Pausanias; talvez, porque a destruição de Corinthio pelo general romano Mummius, se tinha limitado sómente a derrubar as muralhas da cidadella.

As ruinas d'estas muralhas dão um aspecto pittoresco a Acrocorinthio, que se ergue isolada, occupando o centro da planicie que a rodea; assim domina ao longe o isthmo e a situação do Peloponeso que lhe fica proxima, como se fosse uma immensa columna (Stela) hermetica, erigida sobre o tumulo da Grecia antiga.

No meado do ii seculo da nossa era, havia ainda muitos templos que occupavam a summitade nivelada da montanha, por esta fôrma: primeiramente dois recintos consagrados a Isis, e dois outros recintos dedicados a Serapis; depois varios altares do Sol, deus a quem a Acrocorinthio inteira era consagrada, e que o havia cedido depois a Venus, conforme a tradição local. Seguia-se um templo dedicado á Necessidade e outro da Força; onde era permittido entrarem unicamente os sacerdotes. D'ali é que sahiam os oraculos. N'este logar sagrado não havia claridade alguma, era um *Adytum*,¹ como o Secos dos egypcios.

Mais alto, na montanha, estava situado o templo de Proserpina, de Ceres e das Parcas, cujas estatuas não eram visiveis. Ficava proximo o

¹ Era d'onde sahiam as vozes sobrenaturaes e se mostravam as appareções, para illudirem os supersticiosos.

templo de Juno, que seu filho Mercurio lhe havia erigido. Era pois um d'esses edificios primitivos, dos quaes se fazia remontar a origem á idade mythologica. Chegando finalmente á superficie da Acrocorinthio avista-se o templo de Venus. A deusa estava armada de um broquel, como se vê representada sobre muitas medalhas coloniaes de Corinthio. Duas outras estatuas, a do Sol e a do Amor, tendo este um arco, se achavam tambem no templo.

Sobre grande numero de degraus da montanha, por detraz do templo, e um pouco abaixo, havia uma fonte alimentada pelo rio Sisyphe, cuja agua se acreditava que era a mesma da fonte Pyrena, situada em baixo na cidade, e que communicava com aquella por encanamentos subterraneos. Havia n'esta cidadella 200 poços, e era uma cousa notoria na antiguidade a abundancia das aguas espalhadas sobre toda a extensão de Acrocorinthio.

Porém 20 seculos de destruição têm reduzido os monumentos de Acrocorinthio a fragmentos que cobrem o chão de capiteis, fustes de columnas, bocados de entablamentos, unicas reliquias dos edificios sagrados do estylo hellenico; e apenas duas mezas de marmore, ornadas de corôas, sobre as quaes estão gravados os nomes dos vencedores nos jogos isthmicos, marcaram ainda a existencia d'esse povo heroico, que encheu o mundo antigo pela fama de ter possuido a cidade a mais importante pela sua população, commercio, e riquezas; assim como pelo seu luxo, e colonias; e que além de possuir magnificos monumentos, creou e deu o seu nome á formosa Ordem da architectura Corinthia; cujo bello capitel o habil architecto Collina ornou com as engraçadas folhas d'acantho.

Esta é a arte monumental dos Pelasgos. N'essas Acropolis, n'essas antigas cidades, que pelas suas construcções gigantescas, nos conservam a memoria dos primeiros habitantes da Grecia, gravaram elles a sua origem, deixando obras de fortificações de tal maneira construidas, que teem resistido aos seculos, para causarem a admiração das gerações presentes e futuras.

Examinaremos agora como eram considerados os Templos conforme a mythologia grega, as suas formas respectivas, o caracter principal que lhes dava o grau de sua significação, e finalmente em que consistia essa belleza sublime, que fez confessar a todas as mais abalizadas intelligencias dos artistas de todos os povos antigos e modernos—ser impossivel de se crear outra architectura tão harmonica na sua disposição como aquella que os gregos inventaram.

(Continua.)

J. P. N. DA SILVA.

SEGUNDO PERIODO DA ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

ARCHITECTURA ROMAN

No seculo VII, já a pratica da arte antiga se havia perdido a ponto de causar admiração que o architecto na era 638 podesse edificar uma capella, não se servindo para isso de pequenos fragmentos de alvenaria, mas sim imitando essas bellas fiadas de cantaria faceadas, semelhantes ás que se empregavam nas fortificações das cidades antigas.

As construcções no seculo X não foram executadas com as condições de sufficiente duração, pois os principios d'arte não estavam ainda completamente determinados; occupavam-se sómente em arremedar certas fórmulas sob a influencia das tradições romanas, e por isso n'essa época, por derivação, se dava á sua architectura a denominação roman: estylo que se costumaram no nosso paiz a designar, fosse d'este genero ou da transição latina até á época do estylo ogival, como estylo bysantino, confundindo assim as épocas respectivas.

Em Portugal existem mui poucos edificios que apresentem a forma caracteristica bysantina, isto é, a *cupula sobre abobodas pendentes*: apenas se notam alguns detalhes que parecem pertencer áquella architectura, exceptuando a charola do convento de Christo, em Thomar. Esta confusão nasce pela falta de se ter classificado os estylos dos nossos monumentos, pois até ao anno de 1831 não se tinha curado d'este objecto tão interessante para a historia d'arte entre nós. É de esperar agora, pela providencia que o Governo tomou, nomeando uma commissão especial para se fazer a apreciação dos principaes monumentos nacionaes, que será facil de se determinar o caracter respectivo de cada época, e assentar a sua apreciação em dados positivos adquiridos pela sciencia archeologica.

N'aquella época haviam sómente servido de modelos alguns monumentos romanos quasi em completa ruina, dos quaes não se sabia comprehender a estrutura; e por este motivo, forçosamente a architectura da idade média devia ser uma arte inteiramente nova, tendo-se formado pouco a pouco, depois de muitas pesquisas e estudos, tendo hesitado muito antes de haver realisado o seu novo typo.

Anteriormente ao seculo IX existiam poucas construcções; as do seculo X differencavam-se pouco das do XI. Indicaremos todavia alguns dos caracteres respectivos d'essas anteriores construcções.

Então para tal fim, empregavam-se pedras de pequeno volume, tendo tanto de altura como de largura; algumas vezes eram collocadas de maneira a formarem a figura de rhombos; serviam-se tambem muito do tijolo, para indicarem cordões ou desenhos com o feitio de folhas de fetos. Na orna-

mentação estava ainda ignorada a imitação da natureza; sendo unicamente as formas geometricas empregadas como eram os dentes de serra. Alguns ensaios de marchetados ou de mosaicos, executados com bastante imperfeição, eram compostos por cubos de granitos de diversas côres, no numero das quaes não entrava o vidro colorido, como se praticára no tempo dos romanos.

As cidades que haviam recebido a influencia da architectura romana, fizeram interpretações assás inexactas das Ordens gregas. Nas cidades menos importantes veem-se em monumentos antigos as columnas formadas por pilares quadrados, massiços, corôados por uma cornija, e até então ainda não lhe tinham ajuntado as meias columnas envoltas, cujo uso fôra adoptado nos seculos seguintes. O capitel é composto d'um ajuntamento tosco de molduras collocadas como se fosse uma *coleira* posta sobre a cabeça da columna. As bases, nas quaes o capricho do canteiro indica ser obra inteiramente sua, patenteavam ainda muito mais a ignorancia no corte e na sua composição, pois muitas vezes são demasiadamente altas para columnas de pequeno diametro, ou pouco elevadas para a grossura das columnas; outras vezes apresentam molduras sobrepostas sem motivo algum.

O entablamento das Ordens antigas já não se empregava; a cornija era posta por baixo do telhado e sustentada unicamente por cachorros mui singelos. Os arcos das arcadas descançam sem nenhuma separação de permeio, pois assentam logo sobre o capitel, e sem levar ornamento algum; são tambem algumas vezes compostas de pedras e tijolos: o arco é de volta inteira ou alteado, quando não é de fôrma de ferradura ou de mitra. Até ao seculo xi fizeram-se poucos ensaios de abobodas; contentavam-se em ornar o madeiramento apparente, ficando dividido o tecto em caixotões.

O alçado na sua composição era muito simples, figurando com tijolos os ornatos. Para indicar o portal bastavam sómente duas pedras quadradas postas de encontro á parede, por cima da qual havia um arco de volta inteira, formado com pedras e tijolos, ou unicamente por tijolos. O espaço do tympano ficava cheio por um ornato em xadrez, ou de alguns outros de feitio geometrico: por cima d'elle abria-se uma janella, vindo depois a substituir a o *Oculus Christi*. A entrada, algumas vezes, era precedida d'um portico. Desde essa época sobre os lados dos monumentos notam-se já contrafortes; posto que fossem mui simples no seu feitio, tendo menos sacada do que largura; a sua grossura ia diminuindo até á extremidade: tambem ha exemplos de apparecerem com fôrmas circulares na parte superior, ou imitando columnas mais ou menos envoltas, o rnadas do competente capitel.

Dissipado o temor de se acabar o mundo no anno 1000, as pessoas esperançosas no futuro, apressaram-se em testemunhar o seu reconhecimento para com Deus de misericordia, erguendo-lhe novos templos, mais numerosos e ainda muito mais magnificos. Tres annos depois do anno 1000, as basilicas foram reedificadas em quasi todo o universo, posto que algumas estivessem bem conservadas. Porém os povos christãos rivalisaram entre si a qual edificaria com maior sumptuosidade. Os mosteiros enriqueceram com as successivas offeras que haviam feito, com o receio de se que acabar o mundo, afim de obterem a salvação: por este motivo ficaram as ordens religiosas mais poderosas, e puderam construir bellos claustros e grandiosas egrejas, empregando uma riqueza nunca vista até então. Os frades dirigiam essas magnificas construcções: S. Guilherme abbade de Hirscham em Suabi, regia então duas escolas de architectura.

A architectura monastica tinha-se preparado para essa transformação no seculo xiii: tendo sido o resultado de continuos ensaios que determinou esse periodo entre o estylo latino e a nova architectura á qual se ajuntaram algumas fôrmas bysantinas. havendo principiado o novo estylo nas regiões septentrionaes da Europa.

Os paizes situados ao occidente estavam então, desde a origem da organização monastica, sob a influencia do estylo que em Roma se havia adoptado; em quanto todo o Oriente seguia a architectura bysantina, a qual continuou sempre o mesmo caracter que lhe era proprio; portanto foi na região do norte da Europa o berço do novo estylo roman. Durante este periodo de aperfeiçoamento, elle se aproveitou dos progressos adquiridos pela sciencia; porém conservou, não obstante, uma physionomia particular que se reconhece á primeira vista. O que a caracteriza em primeiro logar, é de ter abandonado as proporções e as fôrmas adoptadas no estylo anterior, liberdade essa para facilitar aos artistas religiosos de tudo innovar, desde a fôrma geral até aos minimos detalhes, e de assignalar no caracter dos novos edificios o sentimento religioso de que estavam penetrados. Este impulso creador que deram á arte christã, pondo-a em perfeita harmonia com o estado social do periodo no qual ella se desenvolveu, foi a causa principal da sua acceitação.

Em consequencia d'esta architectura ter tido origem nas regiões septentrionaes e centraes da Europa, por isso são essas edificações mais raras nas outras situadas ao Meio-dia; e só ali appareceram depois da completa conquista dos Normandos, deixando então a architectura roman vestigios nos paizes occidentaes da Europa.

Geralmente no plano das capellas, deram-lhes a fôrma d'um parallelogrammo, tendo quasi em com-

primento duas vezes a sua largura e notando-se uma diferença principal dos edificios latinos, pois deram ás paredes uma grossura maior, para poderem com o peso das abobodas. Nas capellas de maior importancia, vê-se um *septum*, que separa o côro da nave, consolidando as paredes por pilastras, ou contra fortes, tanto no interior como no exterior; porém, estas pilastras conservam as fórmulas e caracter da architectura antiga; e algumas vezes columnas involtas as substituíam.

No seculo xi apresentavam esses edificios a fórmula de uma cruz latina limitada por absides; e em alguns cruzeiros findavam com fórmula circular; em outros, no centro que marcava no plano o encruzamento dos braços da cruz, formavam um quadrado perfeito, sendo consolidado por grossissimas paredes, para poderem sustentar uma torre central, invenção esta pertencente aos constructores religiosos. Quando a igreja não apresentava o feitiço da cruz, collocava-se então a torre sobre o côro, ou o altar-mór, e solidos contrafortes externos substituíam os pontos de apoio do quadrado pertencente ao cruzeiro, a fim de resistirem ao peso das torres, estando collocados sobre aquelles pontos.

O aspecto exterior d'estas construcções é, no estylo da architectura antiga, modificado pelo periodo latino. A applicação das abobodas para substituírem com mais solidez os tectos de madeira, que estavam em uso na architectura latina, obrigou a alisar mais as paredes das empenas, o que se não tinha praticado no estylo precedente. Nas construcções de alvenaria do seculo xi, não se serviam dos tijolos como era costume nas edificações latinas, mas sim, de fiadas, quer de cantaria ou de alvenaria sómente, quando não eram collocadas alternativamente.

Dava-se claridade a essas capellas por 3 frestas (janellas muito estreitas) postas a uma grande altura para darem luz tambem ao santuario, o qual tinha a fórmula quadrada, estando voltado para o lado do Oriente. O chão lageava-se de marmore no feitiço de *opus Alexandrinum*.

Nota-se n'esta architectura a profusão de ornamentos no interior, executados sobre estuque bastante rijo, em fundo de côr pouco carregada, offerecendo, pela delicadeza e pelo bello d'esses ornamentos, o caracter especial d'esta architectura. Não obstante este gosto apurado na decoração, todavia os capiteis e as bases afastam-se muito das agradaveis proporções que os gregos e romanos nos deixaram nas suas Ordens de architectura.

Ainda se vêem n'este periodo alguns adros ornados de columnas, como usavam os latinos, para indicar a entrada da igreja ou do convento.

As fontes para as purificações prescriptas pelo rito nos primeiros seculos da igreja, já tinham sido

supprimidas no periodo romano, na parte externa dos mosteiros, ficando substituidas pelas pias d'agua benta, collocadas á porta d'entrada dos templos; porém, os poços continuaram a construir-se como recordação d'aquelle antigo uso.

Os baptisterios que estavam d'antes annexos, foram tambem supprimidos n'essa época, sendo mudados para dentro das igrejas; porque tinha sido modificada a cerimonia do baptismo, dispensando-se a immersão pela infusão.

As primeiras igrejas christãs tiveram um unico altar; porém, já no seculo vi tinham quatro, um em cada braço da cruz, formado pelo plano; dois seculos depois o seu numero era consideravel.

Já fiz notar que a torre para os sinos não tinha logar certo nas basilicas latinas, porque esta invenção era posterior á construcção da maior parte das igrejas primitivas. As igrejas romanas distinguem-se pelos seus lados salientes, que indicavam a configuração do cruzeiro no interior: na reunião dos quatro braços, punham quatro solidos e grossos pilares, sustentados por igual numero de arcadas, disposição esta desconhecida nas basilicas latinas, onde o cruzeiro era unicamente consolidado por uma construcção transversal. D'esta fórmula podiam collocar a torre dos sinos sobre o altar-mór, ou sobre o cruzeiro, como já mencionei, occupando o mesmo logar em que a architectura byzantina havia construido a cupula principal, que dera o caracter ás suas edificações.

Essa torre era geralmente de fórmula quadrangular e algumas vezes coberta por uma cupula sustentada por abobodas-pendentes, parecendo ser esta uma imitação do santuario grego, para indicar o logar onde estava o altar e o triumpho da Cruz.

Tanto em França como na Gran-Bretanha e Noruega, seguiram esta mesma disposição. Porém, na Italia, o plano latino conservou-se intacto, mesmo depois que a arte roman foi transplantada. Juntaram aquellas edificações columnas involtas, como sendo uma imitação de outro estylo, afim de darem maior resistencia ao arco triumphal, mas não por ser preciso este apoio, visto que não havia torre central n'aquelle genero de architectura.

Segundo as novas disposições que foram adoptadas geralmente no seculo xi, além das que já indicámos, ficava o santuario isolado das outras construcções adjacentes. Uma galeria annular, formando a continuação das naves lateraes, dava logar a poder circular-se na parte oriental do templo e facilitava entrar-se nas tres capellas situadas na abside, o que resultou de se haver procurado um sitio mais conveniente, escolhendo o prolongamento das naves para se collocar outras capellas e altares para os santos, pondo-os em roda do côro, como sendo o logar mais nobre do edificio, assim como para isolar o san-

tuário, aproveitaram as galerias das naves lateraes, além do cruzeiro, para que o povo podesse circular no interior de toda a igreja e também com mais facilidade approximar-se do altar mór, passando d'uma nave lateral para outra sem ser preciso atravessar o corpo da igreja, como temos um exemplo na Sé de Lisboa.

Em lugar de ficarem as torres separadas do adro, tinham adoptado, quando havia uma só, collocar-na na frente da porta principal da igreja, e n'este caso a sua base formava o vestibulo da igreja como existe na igreja de S. Martinho em Cintra. Mas quasi sempre duas torres flanqueavam os angulos da fachada occidental. Se por ventura formavam uma grande saliencia, então um vestibulo unia as duas bases, como se vê na Sé de Braga; no caso contrario dava lugar a haver no interior do templo um só vestibulo á entrada da nave principal, como na Sé de Vizeu.

Estas duas torres não excluïam ordinariamente outra maior que se elevava sobre o cruzeiro ou sobre o côro; algumas vezes punham torres de pouca importancia sobre os braços do cruzeiro, no cimo da fachada e por cima da abside, chegando a haver sete torres em um mesmo edificio para fazer lembrar as sete igrejas primitivas.

A maior parte das abbasias de França meridional, Italia e Hespanha, não obstante construidas no estylo roman mais ou menos caracterizado, conservavam quasi as mesmas distribuições anteriores, collocando as torres como se praticava no estylo latino de maneira a ficarem isoladas das construcções da igreja. Temos no nosso paiz um unico exemplo na torre quadrangular da igreja de Jesus na cidade de Thomar.

Os planos das igrejas do seculo xi mostram, da parte externa sobre toda a extensão das paredes das naves lateraes e em frente dos pilares que existem na sua parte interna, solidos contrafortes destinados a sustentar o encontro das abobodas. As absides as capellas agrupadas em roda do santuario foram pelo mesmo modo consolidadas, e algumas igrejas d'este periodo apresentam já exemplos de empregarem arcos gigantes não tão desenvolvidos como appareceram depois d'esta epocha, porém como rudimento d'esta applicação nas construcções.

O pensamento que deu logar a estabelecerem-se numerosas capellas em roda do santuario das igrejas romans teve mais tarde applicação sobre os cruzeiros e na frente oriental; isto deu ao plano uma configuração nova, apparecendo em cada um dos braços da cruz como se fosse outro pequeno templo reservado com um ou mais altares collocados n'esses novos santuarios. Para augmentar ainda mais o numero d'esses altares figuraram um segundo cruzeiro, aliás menos importante que o principal, porém com

a mesma disposição, vindo a mostrar o plano geral do templo o feitio d'uma cruz archiepiscopal, e posto que na parte interna esta disposição lhe desse maior superficie, todavia isso causou alguma confusão no contorno do edificio.

A ordem de S. Bernardo que construiu 600 abbasias na Europa até ao seculo xii, deu geralmente uma disposição aos edificios religiosos que se distingue pela presença de quatro capellas collocadas lateralmente ao lado do santuario e na mesma direcção d'elle, sendo a entrada para essas capellas pelo cruzeiro. No fundo do côro havia sempre espaço para tres frestas e o oculo por cima d'ellas. A escada para o dormitorio estava posta no angulo do cruzeiro e communicava directamente com o templo. Temos um exemplo d'estas disposições na igreja de Belem.

As fachadas das igrejas que não tinham torres e que se edificaram no norte da Europa, tomaram physionomia differente das basilicas latinas, porque a introducção das abobodas nas construcções dos edificios religiosos d'essa epocha modificou os remates d'essas fachadas, precisando ter uma empena com maior inclinação do que se lhe dava d'antes, pois o madeiramento que cobria esses edificios devia-se combinar com a curva do tradoz produzida pela grossura e fórma d'essas abobodas, e também para facilitar a queda das aguas da chuva e da neve, dando-lhe uma corrente mais rapida, coisa muito essencial nas regiões septentrionaes. As igrejas construidas em França, Gran-Bretanha e Allemanha sob a influencia roman teem egualmente as suas fachadas limitadas por um frontão agudo, o que fica em perfeita harmonia com as fórmas pesadas de todo o monumento e os seus detalhes. Ha em Santa Clara a Velha, em Coimbra, e na igreja de S. João de Alporão em Santarem, uma exacta configuração da maneira de se construirem as igrejas n'essa epocha.

O vertice do frontão d'estas fachadas que foram construidas no seculo xi, tem uma cruz aberta na pedra e com proporções pesadas, o que existe também nas duas igrejas citadas. A zona situada por baixo da empena contém uma ou mais janellas; na parte inferior do edificio ha uma porta larga de verga circular, da qual a archivolta é formada por toscas e pesadas molduras chatas ou salientes, sustentadas por pequenas columnas, como se vê na Sé Velha de Coimbra, igreja de S. Francisco de Santarem, Alcobaça, etc. As naves lateraes são indicadas sobre as fachadas, por paredes, das quaes o cimo se inclina conforme a rampa da inclinação dos telhados lateraes, como se nota nas igrejas de Santa Clara a Velha de Coimbra e S. Francisco de Santarem. Algumas frentes das igrejas romans eram guarnecidas por seteiras para defeza. As igrejas

do nosso paiz já citadas, todas teem esta fortificação indicada.

Nos paizes meridionaes e centraes da Europa, em Italia, Hespanha e Portugal, a architectura roman apresenta-se sob o aspecto de uma importação estrangeira, ligando-se a todas as recordações do estylo latino e mesmo do antigo. A empena superior toma a mesma inclinação marcada, conforme as construcções dos romanos; as portas conservam frequentemente as proporções elevadas e a sua ornamentação foi inspirada pela arte pagã; o portal latino, ornado de columnas reproduz-se sobre o frontispicio com uma ou mais portas. Umas vezes é o portal saliente para abrigar o povo, outras são fingidas, por mera decoração. Da primeira disposição temos em Santarem a entrada da igreja de S. Francisco, e da segunda a de S. João de Alporão na mesma cidade.

Certas ceremonias religiosas tiveram assás influencia na decoração architectural das fachadas romans e motivaram disposições particulares, principalmente de dia de Ramos.

Esta cerimonia recordava a chegada triumphante de Jesus Christo a Jerusalem no dia das Palmas. Era preciso que os cantores collocados em uma janella entre as torres e por cima da porta principal, cantassem *Gloria laus* etc., o que obrigou a collocar n'esse logar uma janella; porém nas abbas mais importantes, augmentavam-lhe o numero, depois uniram as janellas umas ás outras para a musica produzir todo o seu melodioso effeito, disposição esta, que fazia parecer uma extensa galeria em toda a largura da fachada. Algumas vezes substituíram a essas janellas multiplices, uma verdadeira galeria com columnas, na qual se podia girar. Eis aqui a origem da decoração executada em serie de arcadas que geralmente ornem a frente das egrejas romans.

Completoou-se a decoração architectural dos frontispicios romans por um symbolismo e uma iconographia muito mais desenvolvida, do que não fôra nos dois estylos anteriores. As egrejas do periodo de transição mostravam, no meio dos seus frontões, triangulos, que vinham a ser symbolos da Santa Trindade, como se vê no frontão da igreja dos templarios em Thomar. Era o mesmo symbolo figurado que se encontrou nas sepulturas d'esses cavalleiros, sobre as quaes os cadaveres repousavam a cabeça, como se vê um specimen no museu de archeologia Real da Associação dos Architectos de Lisboa.

No seculo xi a esculptura figurada mostrava n'esse mesmo logar a imagem de Christo sobre a cruz, ou apparecendo triumphante na sua gloria.

As fachadas do lado occidental das egrejas romans tiveram no principio o uso de torres á similitude da cupula bysantina. A torre central suppor-

tava junto á sua base o telhado da nave principal, do santuario e do cruzeiro. A sua decoração no começo foi mui simples, porém depois foram ornados com um ou muitos andares de arcadas. Assim era a antiga torre central que decorava a Sé de Lisboa e foi derrubada pelo terremoto; da mesma maneira estava edificada a da Sé Velha de Coimbra, que foram obrigados a apear, pois ameaçava ruina.

A architectura bysantina no occidente apresenta muitas vezes a disposição de torres redondas. É pois provavel que viesse da Italia septentrional a introdução nos outros paizes centraes da Europa d'essas torres com fôrma cylindrica, pertencendo ao seculo xi o exemplo de tal construcção.

As torres quadrangulares levantadas ao centro do cruzeiro das egrejas, como ha exemplos no seculo ix, fazem suppôr que o plano quadrado era preferivel ao circular para melhor collocação dos sinos; por isso se nota que desde o fim do seculo x ou no principio do seculo xi uma torre quadrada se construe sempre do lado do norte, ao occidente das egrejas. Finalmente quando a arte roman ficou completamente desenvolvida, grandiosas torres quadradas se levantaram em cada um dos angulos das fachadas, ficando bastante affastadas umas das outras, para deixar vêr a empena ou frontão superior, bem como o oculo ou as janellas circulares, que davam claridade á nave principal, como se nota na Sé da capital.

O apparelho na construcção é geralmente de grandeza mediana, mais sobre comprido do que alto. Empregava-se toda a qualidade de pedras, até tijolos; porém, são mais bem preparadas que precedentemente, no que diz respeito ao apparelho das fachadas. As juntas das pedras são combinadas de maneira a formar diversos desenhos, que produzem um effeito agradável. Vêem-se tambem com xadrez de um aspecto vistoso.

A ornamentação não apresenta o mesmo caracter em todos os paizes. Em tal região conservam-se as fôrmas geometricas muito variadas e de mui habil execução, differente do que costumavam fazer antes d'esta época. N'outros paizes seguiram a influencia bysantina.

No interior dos templos, aos pilares massivos da epocha precedente juntavam-se columnas que lhes davam mais leveza. Essas columnas vieram a ser mais numerosas á medida que os arcos das abobodas se multiplicaram. Os capiteis do seculo xii são muito variados, muitas vezes apresentam nos angulos duas folhas viradas em volutas e separadas por uma console. Era já como uma preparação para os cogulos do seculo xiii. Encontram-se tambem imitações bysantinas, como reminiscencias do capitel corinthio ou compósito.

No seculos xi e xii executaram-se muitos capi-

teis enfeitados; ás suas folhagens se misturam figuras de demonios, grifos, episodios da historia sagrada, lendas populares, etc. Estas representações, posto que muito imperfeitas em execução, eram todavia como uma lição para o povo, pois que, sendo então raro haver quem soubesse ler, essas imagens representadas na pedra serviam para lhe explicarem a sua significação; porém, desde o seculo xii este uso ficou desde logo abandonado em alguns paizes.

As bases são ainda imperfeitas e imitam um pouco a base antiga. No principio do seculo xii são ornadas de garras e de folhas de fórmulas mui variadas, que enchem o intervalo liso que fica sobre o soco quadrado da base e molduras circulares que a completam.

Algumas vezes os fustes das pequenas columnas, principalmente nos claustros das abbadias, enfeitam-se com ornamentos mui complicados, em feitos de pontas de diamante, imbricações, etc.

As janellas fazem-se de grandeza mediana. A sua archivolta simples ou ornada de molduras, tem por apoio duas columnas ou sómente as duas hobreiras. Isto se praticava tanto no interior como no exterior dos edificios, ficando muito estreitas na parte externa e com rasgamento para o interior. Outras vezes duas janellas são mettidas dentro do mesmo arco e tomam então o nome de janellas geminadas.

Na época roman figuram-se ensaios de abobodas. Quasi sempre nos grandes edificios punham unicamente abobodas sobre naves lateraes e nas extremidades das capellas, descrevendo a curva d'essas abobodas, unicamente um quarto de circulo.

As experiencias de abobodas para maiores naves tiveram melhor exito nas igrejas de pequenas dimensões; pois que nas maiores apresentavam grandes difficuldades e pouco duravam, desabando, pela insufficiencia dos meios empregados n'essa época para sua estabilidade.

Emquanto ao exterior, no principio do seculo xi, a ornamentação do portal era ainda muito simples. A archivolta é quasi sempre lisa, e sustida por duas columnas, ou então por hobreiras singelas. No meado d'este seculo, a archivolta orna-se com estrellas, zigzags, ou aros; multiplicam-se as archivoltas concentricas formando resaltos, e por esta razão tambem augmentam o numero das columnas para as sustentar; como se vê no portal da Sé velha de Coimbra, do convento de S. Francisco em Santarem e da igreja de Santa Maria em Cintra. O tympano enche-se de desenhos formando xadrez ou estrellas, ou de baixos relevos. Muitas vezes representavam Jesus Christo rodeado de symbolos dos evangelistas: o pilar que separa a porta para lhe dar duas entradas, isto é, um lado para sair e outro para entrar, costuma ter por cima uma estatua, e por cima de tudo havia arcadas juntas umas ás outras, tendo algumas vezes imagens dentro: no cimo apparece o *Oculus Christi*, que vae augmentando cada vez mais as suas dimensões, precisando de se lhe ajuntar raios para o consolidar. Temos um exemplo na empena da igreja de Jesus em Santarem, Sé velha de Coimbra e S. João de Alporão.

Aos lados, estão as paredes consolidadas por contrafortes mais numerosos e mais grossos, conservando todavia a fórmula que tinham no precedente seculo.

A cornija é formada por uma moldura saliente sustentada por modilhões de feitos mui variados; taes como figuras grotescas, cabeças de animaes, carrancas de monstros, etc.; outras vezes esses modilhões estão reunidos por pequenos arcos, como existe um exemplo no fundo das capellas, na parte externa da Sé velha de Coimbra e em Roiz.

(Continua).

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Introdução)

Inaugurando-se agora nos seminarios de algumas dioceses de Portugal cadeiras para o ensino de archeologia christã, estudo que ha muito era urgente criar-se no nosso paiz, proponho me publicar, no Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, os elementos principaes d'esta sciencia, afim de facilitar os estudos a quem desejar possuir esses conhecimentos indispensaveis

para curar da conservação dos objectos do culto e evitar o ignorante modo de se restaurarem os edificios religiosos dos diferentes estylos, que pertencem á nação; pois já é tempo de não se continuar a praticar desacertados concertos nos edificios, que alteram o caracter respectivo da sua architectura, e causam tambem desdouro ao avaliar-se a nossa civilisação.

Ainda que não façamos um compendio completo, que não era compativel com a fórmula d'esta publicação, comtudo, talvez possa ser de algum auxilio para se divulgarem as instrucções principaes d'esta natureza afim de pôr cobro aos vandalismos

que teem destruido tantas antiguidades e objectos preciosos do culto.

Muito embora não se consiga desde já o proficuo resultado d'este ensino, todavia ficará registado no final do seculo XIX, o empenho que illustres Prelados teem tomado para obstar a serem illudidos os parochos nas substituições das alfaías, e para se opporem ás defeituosas restaurações dos monumentos religiosos do nosso paiz. Darei por bem empregada esta minha modesta publicação, se por ventura conseguir este empenho patriótico artistico a que tenho constantemente dedicado a maior parte da minha existencia.

POSSIDONIO DA SILVA.

CAPITULO I

Principios da arte christã no Occidente

PRIMEIRO PERIODO

Summario. — Descripção das catacumbas de Roma — Principios artisticos e classificações das pinturas das catacumbas — Symbolos ou allegorias dos primitivos christãos — Representação de Jesus Christo e de Nossa Senhora — Imagens dos santos — Monogramma de Christo — Lamcadas — Sarcophagos christãos — Vasos de sangue — Monumentos christãos fóra das catacumbas — Edifícios religiosos construidos nos tres primeiros seculos — Cemiterios á superficie do solo — Alfaías e instrumentos do culto.

Os mais numerosos monumentos christãos que se offerecem para o estudo da archeologia christã são os cemiterios subterraneos da cidade de Roma. Os christãos continuaram a escavar nas antigas pedreiras da cidade novas catacumbas depois do reinado de Constantino, e durante os quatro ou cinco seculos seguintes, transformaram as catacumbas em logares de peregrinação. Fizeram-se restaurações e embelezamentos n'estes santuarios até ao fim do seculo VIII.

As catacumbas eram destinadas a tres fins: o primeiro e principal era servirem de cemiterio aos christãos. Os tumulos ficavam dispostos nas paredes uns por cima dos outros formando fileiras de tres a doze. Os corpos eram collocados em nichos oblongos, fechados por tampas de marmore, ou por tijollos ordinariamente em numero de tres, ajustados perfeitamente com cal.

N'estas galerias veem terminar em muitos sitios camaras sepulchraes. São especies de covas funerarias no fundo das quaes se encontra muitas vezes, debaixo de uma aboboda, um tumulo encerrando os restos mortaes de algum martyr illustre. Estes tumulos serviam de altar no dia anniversario do martyr, em que os christãos vinham fazer as suas orações.

A fôrma dos sepulchros era variadissima: ha-os circulares, semi-circulares, octogonaes, hexagonaes e pentagonaes; comtudo a maior parte são quadrados.

O segundo fim a que destinavam as catacumbas era servirem de logar de reunião para ahi celebrar as ceremonias do culto. Foi para fazerem as suas assembléas religiosas que os primitivos christãos construíram nos seus cemiterios subterraneos oratorios, compostos a maior parte das vezes de dois ou tres sepulchros contiguos, e que se designam pelo nome de *basilicas das catacumbas*.

O terceiro fim das catacumbas era tambem servirem de retiro ao pontifice, ao clero e aos fieis no tempo da perseguição.

A historia das catacumbas pode dividir-se em tres periodos principaes: o periodo da formação, o periodo da restauração e de visitas piedosas, e o periodo de explorações scientificas.

O primeiro periodo abraça os quatro primeiros seculos. No decurso do seculo IV viu-se diminuir as sepulturas subterraneas pelo augmento dos tumulos á superficie do solo. Depois do anno 410 não se encontram sepulturas nas catacumbas.

O segundo periodo estende-se desde os primitivos annos do seculo V até ao principio do seculo IX.

Chamam-se *cryptas historicas* as camaras sepulchraes em que repousavam os restos de martyres illustres.

O ultimo periodo, de explorações scientificas, data do anno de 1578.

No mez de maio de 1578, uns trabalhadores que se occupavam em extrahir pozzolana n'uma vinha, a duas milhas da cidade de Roma, descobriram uma abertura que dava para um cemiterio christão decorado de pinturas, de sarcophagos e de inscripções.

Estas pinturas pertencem a épochas differentes, e algumas ao primeiro seculo da nossa era. As do seculo II são mais numerosas, porém as do seculo III são ainda em muito maior numero.

A maior parte das decorações das paredes das catacumbas foram executadas a fresco, sendo feitas algumas com mosaicos em limitado numero.

Os antigos artistas contentavam-se em traçar a silhueta dos personagens e dos objectos, enchiam em seguida o espaço comprehendido entre os contornos por côres lisas ou illuminuras, e indicavam convencionalmente as rugas dos fatos com traços cheios e as saliencias por traços finos. Faziam o contrario do que se praticava desde o seculo VI, desprezando, na representação dos assumptos, os accessorios.

As pinturas dos tumulos, em fôrma d'arco, apparecem sobre um fundo ornado, um assumpto com muitas figuras traçadas dentro de molduras de fôrma quadrada ou semicircular. Os ornatos são na maior parte imitações de objectos usuaes, açafates com fructos ou grinaldas de flores, sendo imitado este genero de decoração de pintura da arte pagã.

O peixe era, na Igreja primitiva, o symbolo mais conhecido de Jesus Christo.

Nas catacumbas representava-se ordinariamente Jesus Christo debaixo da fórma do Bom Pastor. As imagens do Redemptor não se encontravam isoladas, apresentando todos os caracteres das pinturas posteriores a muitos seculos á conversão de Constantino.

A Santa Virgem é figurada nas pinturas das catacumbas sobre os vidros dourados e os sarcophagos dos seculos primitivos, estando sentada, com o Menino Jesus ao collo.

A adoração dos Magos recordava aos fieis tres dogmas: a vocação dos infieis, a Divindade de Nosso Senhor, e a Maternidade Divina.

Os primitivos christãos representavam tambem a Virgem com ou sem o Filho, debaixo da forma d'uma *orante*, isto é, em pé e levantando os braços n'uma attitude de supplica. Muitas imagens são anteriores ao seculo iv.

Jesus Christo multiplicando os pães: figura a Santa Eucharistia, como sendo alimento das almas.

O Salvador é representado em geral debaixo da figura d'um mancebo imberbe vestido com manto e tunica ornada com duas bandas de purpura.

O *paralytico curado* é representado no momento em que, deixando a piscina, leva a sua cama ás costas. Está vestido com uma tunica cincta e uma especie de ceroulas.

Jesus resuscitando Lazaro: é representado Lazaro debaixo da fórma d'uma pequena mumia envolvida em pequenas fitas e collocada na posição vertical á entrada do tumulo, que tem a fórma de um edificio ou pequeno templo.

As representações de refeição dividem-se em duas classes conforme symbolisam a Eucharistia ou a felicidade dos predestinados á bemaventurança.

A felicidade dos predestinados é symbolisada por um banquete ao qual servem o Amor e a Paz, porque estes dois gozos eram tidos como os principaes do paraíso.

Jesus Christo rodeado dos seus discipulos: representa o ensino dado aos apostolos e a celebração da ultima ceia do Senhor.

As imagens dos santos encontram-se nas cryptas historicas e todas em geral são posteriores á conversão de Constantino. Muitas são ornadas de resplendor, que só foi dado aos santos no principio do seculo vi.

A scena de Orpheu tocando lyra, tirada da mythologia, é muito commum nas pinturas das catacumbas e sobre os monumentos christãos dos primeiros seculos.

Entre os primeiros christãos, Orpheu deleitando os animaes ferozes com os sons da sua lyra, era um symbolo de Jesus Christo domando as paixões

dos homens e attrahindo-os com os encantos da sua doutrina.

Os primeiros christãos reproduziam de differentes maneiras as quatro estações sobre as paredes das catacumbas e sobre os sarcophagos, porque as estações symbolisavam aos olhos dos christãos a futura resurreição.

Os primitivos christãos serviam-se dos symbolos, em primeiro logar, para subtrahir á irrisão dos infieis as mais augustas verdades da religião, e em segundo logar, para se conhecerem entre si. Os mais antigos d'estes symbolos eram a pomba, o peixe, a barca, a lyra e a ancora.

Durante os primeiros tres seculos da Igreja, o peixe era um dos symbolos mais divulgados entre os christãos para significarem Jesus Christo. Empregava-se de dois modos, como nome e como figura. A palavra *ichtus*, que significa peixe, fornece as iniciaes das palavras *Jesus Christo Filho de Deus*.

O peixe representado sobre os monumentos pintados ou esculpidos tinha a mesma significação, era um signal hyeroglyphico lembrando aos christãos a palavra grega e todas as verdades que ella symbolisava. Tanto o acrostico como o peixe symbolico, era principalmente gravado sobre as pedras e sobre os objectos portateis para o uso da piedade dos primeiros christãos.

A cruz que se encontra nos monumentos christãos dos quatro primeiros seculos apresenta-se com formas dissimuladas, de ancora, que era ao mesmo tempo o symbolo da esperanza, e serve desde o primeiro seculo para recordar aos fieis o signal da Redempção.

Empregou-se desde os primeiros seculos o cordeiro para representar Jesus Christo.

Os primitivos christãos tinham por costume orar em pé, com os braços estendidos e levantados para o ceu. Na maior parte dos monumentos christãos primitivos vêem-se fieis dos dois sexos, e principalmente mulheres em attitude de *orantes*.

A *orante* symbolisa a alma christã admittida no ceu e considerada esposa de Jesus Christo. As duas arvores que em alguns monumentos se encontram aos lados, designam o paraíso ou a felicidade eterna.

Encontra-se frequentemente nos primitivos monumentos christãos de toda a especie a pomba, e principalmente nos epitaphios dos seis primeiros seculos da nossa era. Nos tumulos symbolisa ordinariamente a alma pura e innocente dos fieis. A oliveira que está ao seu lado ou o ramo d'esta arvore que muitas vezes tem no bico, são o symbolo da paz que gosa a alma, e equivale á formula *in pace*, tantas vezes empregada nos epitaphios.

A *palma* tem sido em todos os tempos o symbolo do triumpho; os christãos primitivos collocaram-n'a

nos seus tumulos para recordar a victoria ganha pelo defuncto aos inimigos da fé.

O *monogramma* de Constantino ou simplesmente *monogramma* são as duas letras gregas X P ligadas da seguinte maneira :



Outro *monogramma* *cruciforme* parece ter existido no Oriente e tem a letra X com a fôrma d'uma cruz † onde está ligada na perpendicular superior

a barriga da letra P :



As duas fôrmas tambem se empregaram no Occidente.

A partir do meado do seculo iv, o *monogramma* é muitas vezes acrescentado com mais duas letras gregas A e Ω, a primeira e a ultima do seu alphabeto.

O *monogramma* data da conversão de Constantino que mandou fazer o *lábaro*, que era encimado pelo *monogramma*.

Durante os primeiros seculos da Egreja, o altar era apenas uma taboa de madeira, servindo de mesa aos apóstolos para celebrar os divinos mysterios.

As catacumbas forneceram-nos mais tarde o typo dos altares em fôrma de tumulo. As tumbas *em arco* tinham uma prateleira horisontal cobrindo os restos do santo martyr ; sobre esta prateleira é que se dizia a missa.

As lampadas que se encontraram nas catacumbas tinham a fôrma das *lucernæ* dos antigos. Assemelham-se a uma barquinha, que era um dos symbolos mais usados na Egreja primitiva. A maior parte são de argila ; tambem se encontram algumas de bronze. Estas ultimas pertencendo a uma época menos remota, são quasi todas munidas de cadeias que serviam para as suspender nos tectos das capellas.

Chama-se sarcophago (palavra derivada de *sarcos* carne e *phagos* eu como) um tumulo de marmore ou de porphyro mais ou menos ornado de esculpturas.

Podemos classificar-os em *simples*, *mixtos* e *ricos*.

Os sarcophagos *simples* apresentavam a fôrma de um cofre rectangular sem ornamentação.

Na maior parte os sarcophagos eram adornados de um ornato que se chamava *strigiles*.

Os *strigiles* são canneluras de fôrma sinuosa, imitando o raspador, instrumento de que os antigos se serviam para tirar, na occasião de se banharem, a humidade e os corpos estranhos, espalhados na superficie da pelle.

Os sarcophagos *ricos* têm as quatro faces ou pelo menos tres, ornadas de esculpturas em baixo, no meio ou no alto relevo. Quando se reproduzem

sobre uma mesma face muitas scenas ou estatuas, são justapostas simplesmente, ou separadas por columnas ornadas de pampanos e de pequenos genios colhendo fructos.

Muitos sarcophagos têm, no centro da face principal, um medalhão circular, onde se vê em busto a figura do defuncto. Os tumulos que serviam de sepultura a dois esposos, têm dois bustos, e algumas vezes uma arcada central apresentando, com a mesma significação, dois personagens em pé, dando a mão e chorando.

Os sarcophagos *mixtos* são ornados parte com strigiles e parte com figuras gravadas a traço ou esculpidas em relevo.

Os sarcophagos dos tres primeiros seculos foram escolhidos nas officinas pagãs, ou esculpidos por artistas christãos, segundo modelos profanos.

As scenas da paixão propriamente dita, taes como a flagellação, o coroamento de espinhos e a crucificação, não se encontram representados em monumento algum do primitivo christianismo.

Os christãos dos primeiros seculos punham muitas vezes nas sepulturas objectos que tinham pertencido ao defuncto.

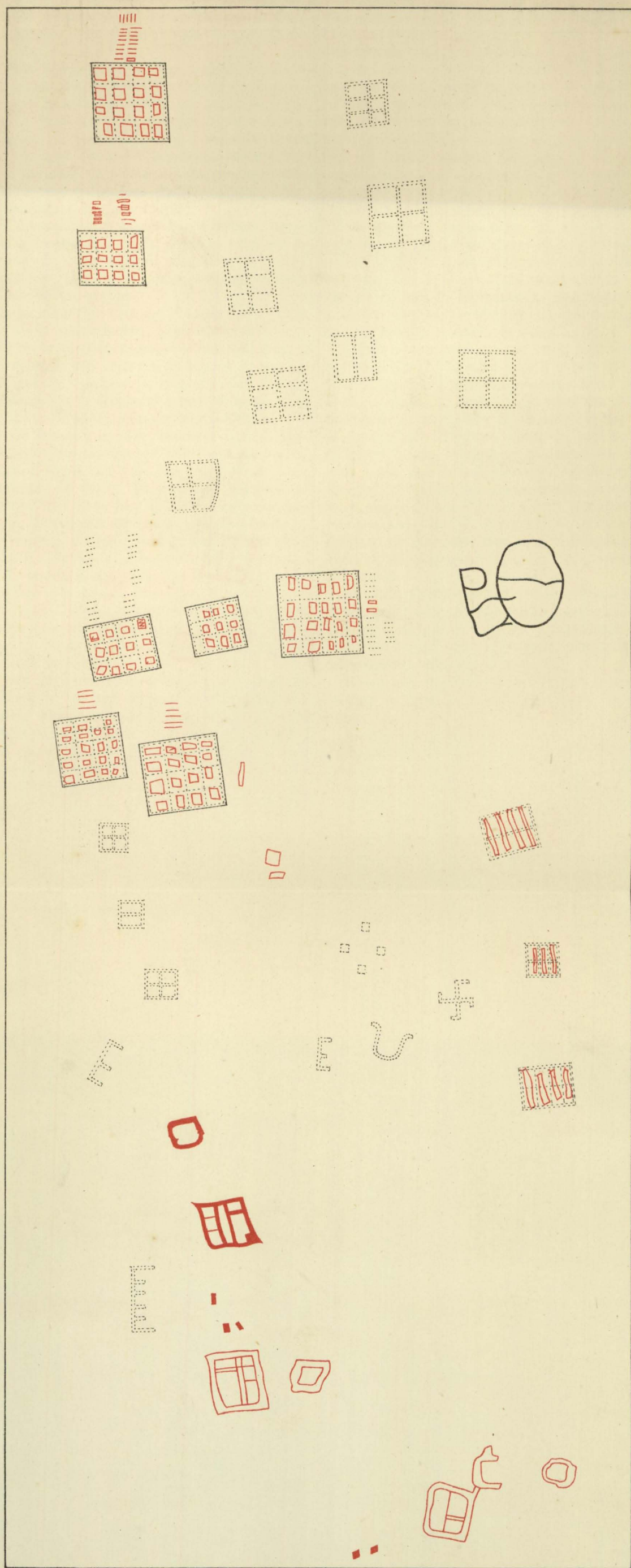
(Continúa).

J. DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 77

Na provincia do Douro ha um penhasco sobranceiro ao tunnel da Rapa, entre a estação do Tua e a passagem da Valleira, a 133,920 metros, da via ferrea d'aquella provincia. Este penhasco existe perto do logar de Linares, termo da villa de Anciães, e na superficie d'elle veem-se diversos signaes coloridos, d'apparencia lustrosa, devida sem duvida a uma materia de betume, que, segundo é tradicional, durante o verão lhe apparece na base, o que teria contribuido para conservar ha seculos esses signaes.

E' tambem para notar que a sua face do lado opposto acha-se sempre coberta de cryptogamas, talvez por estar esse lado em exposição ao norte. As figuras occupam grande espaço, sendo a altura 3^m,18, e a largura 0^m,82. Esta singularissima antiguidade estava condemnada a ser destruida, conforme o costume que ha entre nós de arrazar tudo o que pertence a épocas remotas. O caminho de ferro devia atravessar n'esse ponto, e portanto irremissivelmente havia de sacrificar-se o penhasco, muito embora se desprezasse um dos importantes monumentos archeologicos de Portugal. Por fortuna, um digno Par do Reino, alto apreciador das antiguidades nacionaes, o sr. visconde de Seabra conseguiu da sua camara recommendar ao Governo,



Sinaes sobre um penhasco no logar de Linares na provincia do Douro.

Nº 5º

Estampa 78.

que evitasse um tal vandalismo, o que se cumpriu; sendo ordenada uma alteração na directriz da linha. Pela mesma ocasião o referido sr. visconde propoz que se mandasse tirar copia da *inscripção* existente no penhasco, e até *indicou pessoa para esse trabalho*, afim de se averiguar o que ella significava.

Tendo noticia d'isto, fui logo á cidade do Porto para obter uma copia fiel das figuras traçadas na pedra, e quando em 1885 a *associação franceza para o progresso das sciencias* celebrou o seu congresso em Grenoble, enviei o respectivo desenho aos seus illustrados membros, pedindo-lhes que o examinassem e dêssem o seu parecer ácerca de tão curiosa antiguidade. Baldado empenho! Não se conseguiu a desejada solução.

A estampa que acompanha este numero, apresenta o desenho, que eu fiz, reduzido a um quarto do original, e por elle se veem diversas figuras geometricas, com a côr que mais resistiu exposta aos rigores das estações.

Já no anno 1735 Contador d'Argote havia tirado uma copia mais completa, que continha maior numero de figuras, omissão que se nota actualmente nos espaços que separam as figuras existentes, mas que vão indicadas por simples pontos. Aquelle zeloso antiquario descreveu o que viu na occasião de tirar o desenho, pela seguinte maneira:

«Na face lisa se vêem debuxadas diversas figuras com côres diversas; a saber, uns quadrados, e outras, que se não pôde bem julgar se são jeryglyphicos, ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do xadrez, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas côres, nem brancos e negros, mas só de uma côr, que é um vermelho escuro; a margem, porém, em uns é azul; outros a não tem. As demais figuras se compõem das mesmas duas cores. O vulgo (e, o que é mais, alguns homens nobres e eruditos) entendem, que estas figuras se renovam todos os annos em dia de S. João Baptista, e que apparecem mais brilhantes.»

Nada mais diz sobre a sua origem. Supponho que o calor do mez de junho fizesse ressumar a materia bituminosa, dando maior brilho ás côres d'essas figuras. Quando Contador d'Argote copiou esse curioso monumento, mostrava-se o espaço todo cheio de quadrados em fórma de xadrez, divididos por outros mais pequenos, além de varios desenhos, entre os quaes apparece o antiquissimo symbolo da Cruz *Sevastika* dos Arios.

Esta singular, e talvez unica antiguidade, merece ser estudada a fim de se descobrir qual a sua significação; e como ainda não se conseguiu, não será fóra de proposito apresentar uma hypothese que o nosso consocio, sr. Victorino da Silva Araujo,

esclarecido antiquario e meu presado amigo, me communicou, depois da consulta que a este respeito lhe dirigi. Suppõe o seguinte:

«Não é mais que a representação d'uma batalha, dada no tempo das guerras dos romanos na Lusitania. Aquelles quadrados e quadrilongos ordenadamente collocados figuram as tropas divididas em varios corpos ou esquadrões, marchando umas de frente, outras de flanco. Os quadrados maiores, que estão no fundo traçadas as duas linhas, tendo cada um perto de si outro quadrado mais pequeno, são os arraiaes ou acampamentos com seu fosso e estacada. Estes arraiaes mais pequenos costumavam elles fazer ao pé dos maiores, quando estavam em guerra; e serviam-lhes para se recolherem n'elles, quando eram batidos dos maiores. O serem uns poucos denota que trouxeram alguns dias de marcha até chegarem ao ponto onde se deu a batalha; porque é sabido que os romanos, quando tinham proximo o inimigo, ainda que viessem de marcha não passavam uma noite sem levantar entrincheiramentos; que o exercito que entrou em batalha, constava de varias legiões.»

Affigura-se-nos tambem que talvez seja isso a representação do desenho; pois é sabido que os romanos davam ao seu acampamento a fórma quadrada e dispunham tendas a par umas das outras para a tropa, occupando 10 pés cada um dos espaços quadrados. Ficavam separadas, com um pé de intervallo para se firmarem as estacas, servindo cada tenda para 10 soldados e um subalterno. O desenho em xadrez indica essa mesma disposição e por elle se poderia calcular a força numerica do exercito. Em quanto ás diversas côres, seriam para designar as dos estandartes dos abarracamentos distinctos de cada corpo; como era uso praticarem os romanos.

As outras figuras espalhadas na superficie seriam os obstaculos naturaes encontrados sobre o terreno durante a marcha do exercito. A figura redonda, com tinta preta, pode ser alguma praça e suas dependencias, existente no paiz.

Talvez esta explicação possa d'algum modo esclarecer a significação dada ás figuras do desenho.

E' realmente para causar grande admiração que os romanos tivessem o cuidado de executar n'um penhasco a prumo e em tosca superficie tão difficil trabalho, apparecendo por esse motivo a irregularidade das figuras. Haverem as cohortes do povo rei acampado na Lusitania, em ponto do territorio que pertence actualmente á provincia do Douro, desperta-nos a curiosidade de investigar que direcção tomariam e que destino teriam taes forças militares? Que cidade ou logar importante haveria perto do acampamento para que os roma-

nos ali nos deixassem gravado um testemunho da passagem do seu exercito?

Eis um ponto de magna importancia para os antiquarios resolverem.

Em todo o caso é um monumento historico

de incontestavel interesse. Esperamos que illustrados archeologos alcancem a gloria de decifrar o enygma.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Já está exposta no Museu de Archeologia da nossa Associação a notavel figura que estava desprezada ha muitos annos, a um canto do sitio designado Cruz de Ferro, na cidade do Porto!

Ainda que não seja um primor de Bellas-Artes, pelo contrario, é do mais incorrecto trabalho de esculptura, porém o facto historico que representa, tendo sido originado por um sentimento assaz humano e assignalando um serviço publico, não deveria ficar olvidado dos vindouros, nem dar-se motivo a ser censurado pela presente geração, por aquelles que presam as antiguidades nacionaes, ter-se commettido a mais subida ingratição á memoria do abalisado varão que tão generosamente mandou erigir essa figura na foz do Douro, para evitar que os mareantes corressem perigo na passagem do rio, quando viessem aportar á cidade do Porto.

O Bispo de Vizeu D. Miguel da Silva, de egregia linhagem, praticou o louvavel patriotismo de fazer collocar a citada figura de granito sobre um penhasco na foz do Douro, para com o braço direito estendido apontar o canal do rio e entrar-se no porto a salvamento; além d'isso fez collocar balisas sobre a margem do mesmo rio para indicar a direcção a seguir. Ainda ha vestigios d'essa acertada providencia.

Esta obra de grande utilidade para a cidade do Porto e de maior valia para os maritimos, teve logar no anno de 1535.

Este insigne Prelado causou assombro pela sua erudita illustração, pelos seus vastos conhecimentos quando esteve por embaixador em Roma. Fôra amigo intimo d'el-rei D. João III sendo depois victima da hostilidade do mesmo soberano, e da ingratição do Papa Paulo III Morreu miseravelmente em Roma, abandonado pelo rei, pelo chefe da christandade, de quem era amigo, e da sua nação, quem tanto merecera ser respeitado e protegido.

Mais tarde, em occasião de um forte temporal, a figura foi derribada e cahiu no rio, onde permaneceu dezenas de annos.

Mas o benigno bispo mandou construir, depois d'este acontecimento, na barra do Douro, uma torre na qual montou e adaptou um *pharol*, que foi o primeiro do nosso paiz! Ainda lá se vê a torre encostada á casa dos pilotos, junto do sitio já citado da Cruz de Ferro na Clantareira, onde se erigiu o monumento da figura que possui hoje o Museu.

Uma lapide, que tinha na base d'esse monumento, tem a inscripção seguinte, que comprova o facto citado, e tambem está exposta no Carmo.

MICHAEL SILVIVS
EPISCOPVISENS

NAVIGANTIVM
SALVTIS CAVSA
TVRRES II FECIT
ET IIIICOLVMNAS
POSVIT ~
ANN M.D.XXXV +

Coube á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, no termo de *trezentos e cincoenta e um annos*, haver salvado do esquecimento este serviço publico prestado por tão venerando Prelado; e se o seu illustrado nome não recebeu um monumento de publico reconhecimento, é de esperar que elle será conservado e commemorado com respeito por todos que visitarem as antiguidades existentes no Museu do Carmo, vendo posta em logar distincto essa figura que recordará o notavel serviço d'aquelle insigne varão que assignalou o seu nome por tão importante obra.

NOTICIARIO

Entre as mumias, ultimamente descobertas no Egypto, appareceu uma sem nome, que parecia ter sido afogada em carbonato de soda. E' d'uma pessoa que teria 25 annos de idade, denotando os membros terem sido contrahidos. A cabeça exprime uma terrivel dôr. Sem duvida foi essa pessoa collocada ainda com vida dentro do aparelho funereo. Algum mysterio de *harem* ou de conspiração se poderá attribuir este cruel successo.

No Instituto de França, a Academia de Bellas-Artes poz a concurso o seguinte thema:

Procurar se ha uma esthetica commun que seja applicavel aos monumentos, pertencentes ás grandes epochas das artes.

Estudar sob este ponto de vista os monumentos egyprios, gregos, romanos, da idade média, do renascimento e dos tempos modernos até ao fim do seculo XVIII.

O museu de Louvre adquiriu recentemente uma cabeça de granito, designada *Cabeça de intendente egypcio*, cujo modelo existia até ao presente em baixo relevo no tumulo da decima terceira dynastia.

Tambem um cão de caça, tamanho natural, executado em basalto preto, unico exemplar conhecido até hoje, que tem mais de tres mil annos, veio augmentar os objectos d'este afamado museu.